



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

# **A publicação de Dostoiévski na URSS (1920-1960)**

## ***Dostoevsky's publication in the USSR (1920's-1960's)***

Autora: Marina Fonseca Darmaros  
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil  
Edição: RUS Vol. 13. Nº 22  
Publicação: Agosto de 2022  
Recebido: 23/05/2022  
Aceito: 09/08/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.198076>

DARMAROS, Marina Fonseca.  
*A publicação de Dostoiévski na URSS (1920-1960).*  
RUS, São Paulo, v. 13, n. 22, 2022, pp. 44-69.



# A publicação de Dostoiévski na URSS (1920-1960)

Marina Fonseca Darmaros\*

**Resumo:** Durante a União Soviética, o tratamento dado a clássicos da literatura russa não era uniforme. Obras e autores podiam ser amplamente utilizados como arma ideológica e ao mesmo tempo não gozar continuamente de um porto seguro durante a vigência do regime. Em geral, o escritor Fiódor Dostoiévski (1821-1881) não é considerado como um dos clássicos a ter engrossado as fileiras dos literatos oficiais do marxismo soviético, já que era contrário aos métodos violentos da revolução, pregava o cristianismo, era tsarista e se opunha ao ateísmo. Embora nunca tenha deixado de ser publicado no país, a obra do escritor passou a ser cuidadosamente selecionada para publicação editorial, de modo a satisfazer às exigências da ideologia, seguindo a cartilha de transformação dos clássicos em “armas para a construção de um novo mundo”.

**Abstract:** During the Soviet Union, the treatment of Russian literature classics was not uniform, and works and authors that were widely used as ideological weapons did not always enjoy a safe haven during the regime. Thus, in general, Fyodor Dostoevsky (1821-1881) is not considered one of the classics to have swelled the ranks of the official writers of Soviet Marxism since he was opposed to the violent methods of the Revolution, preached Christianity, was a tsarist, and opposed atheism. Dostoevsky never ceased, however, to be published in the USSR, but his work was carefully selected for publication to meet the demands of the dominant ideology, following the norm of transforming the classics into “weapons for the construction of a new world”.

**Palavras-chave:** Literatura russa; Censura; União Soviética; URSS, Gatekeeping; Dostoiévski  
**Keywords:** Russian literature; Censorship; Soviet Union; USSR; Gatekeeping; Dostoyevsky

\* Universidade de São Paulo (USP), pós-doutoranda no PPG Letra da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH-USP, com projeto apoiado pela Fapesp (processo 2021/00445-9) sobre tradução e censura na URSS, conduzido atualmente na Universidade de Bolonha. Doutorado em Literatura e Cultura Russa pela mesma instituição e Mestrado em Jornalismo Internacional pela Rossiski Universitet Druhbi Narodov. <http://lattes.cnpq.br/1745619294608064>; <https://orcid.org/0000-0002-9102-7748>; [marinadarmaros@gmail.com](mailto:marinadarmaros@gmail.com)

**F**iódor Dostoiévski (1821-1881) não é considerado como um dos clássicos a ter engrossado as fileiras dos literatos oficiais do marxismo soviético, já que era contrário aos métodos violentos da revolução, pregava o cristianismo, era tsarista e se opunha ao ateísmo.<sup>1</sup> Assim, Lênin declarou acerca de sua obra: “Não tenho tempo sobrando para essa asneira”, “retomei o livro e pus de lado” (sobre *Os demônios*) e “Comecei a ler *Os Irmãos Karamázov* e larguei: a cena do monastério me deu vontade de vomitar”.<sup>2</sup>

Mas o líder do proletariado emitiu também opiniões favoráveis sobre Dostoiévski, reveladas somente em 1955 pelo político e pesquisador acadêmico Vladímír Bontch-Bruiévitch.<sup>3</sup>

Não esqueçam que Dostoiévski foi condenado à morte. Ele foi barbaramente rebaixado e, depois, anunciaram que Nicolau I o havia perdoado, enviando-o para o campo de trabalhos forçados...

Seu *Escritos da Casa Morta*, como notou Vladímír Ilitch [Lênin], é uma obra insuperável da literatura de ficção russa e mundial, que refletiu incrivelmente não só os trabalhos forçados, mas também a “casa morta” em que vivia o povo

---

1 Cf. BERNARDINI, 2018, p. 87-97.

2 KTO, [s.d.]. As três falas de Dostoiévski supracitadas são altamente disseminadas na sociedade russa e discorrerei sobre cada uma delas mais adiante no presente artigo. Para resumir o mito que se formou sobre um Dostoiévski soviético proibido – e que perdura ainda na Rússia pós-URSS – utilizo inicialmente como fonte dessas três afirmações do escritor o artigo intitulado “*Kto rugal Dostoievskogo?*” (cf. bibliografia), publicado pelo site Culture.ru – de propriedade do Ministério da Cultura da Rússia –, e que serve como régua para essa lenda.

3 Vladímír Dmitrievitch Bontch-Bruevitch (1873-1955) foi um dos membros mais antigos do Partido Comunista, integrando suas fileiras a partir de 1895. Suas atividades na imprensa são notáveis desde cedo e também seus atos de defesa, durante o tsarismo, de minorias religiosas (como, por exemplo, os sectários “*dukhobor*”, dirigindo também o Comitê de Combate aos Pogroms a partir de 1917). Ao mesmo tempo, entre 1917 e 1920, passou a chefiar o Soviete dos Comissários do Povo. Afastado de grandes assuntos estatais a partir da morte de Lênin, foi um dos idealizadores dos arquivos do Comitê Central e, entre 1931 e 1940, foi criador e diretor do Museu Estatal de Literatura.

russo sob os tsares da casa dos Românov...

Vladímir Ilitch condenava impiedosamente as tendências reacionárias da obra de Dostoiévski. Ao mesmo tempo, disse várias vezes que Dostoiévski foi realmente um escritor genial que analisou a parte doentia da sociedade que lhe fora contemporânea; que ele tinha muitas contradições e falhas, mas também [retratava] uma imagem viva da realidade.<sup>4</sup>

De fato, o próprio Dostoiévski, na juventude, fora simpatizante do socialismo e do *fourierismo* – a teoria de organização social idealizada pelo filósofo e sociólogo Charles Fourier que visava ao estabelecimento dos chamados “falanstérios”. Por participar das reuniões do Círculo de Petrachévski, Dostoiévski foi quase morto, condenado a uma pena capital só comutada no último segundo, a mando do tsar, passando então quatro anos no campo de trabalhos forçados e, depois, vários anos mais no serviço militar forçado no norte do Cazaquistão. Em *Diário de um Escritor*, ele escreve ainda que poderia ter se tornado um “netchaievista”:<sup>5</sup> “Provavelmente eu jamais poderia ter me transformado num Netcháiev, mas num netchaievista não garanto, talvez até pudesse... nos idos da juventude.”<sup>6</sup> Ele também escreve ali:

Em meu romance *Os Demônios*, tentei retratar os motivos distintos e variados que podem levar até os homens mais ternos e de coração puro a cometer um crime tão monstruoso. É nisso que consiste todo o horror que pode sujeitar um homem a realizar o ato mais indecente e abominável, mesmo, às vezes, não sendo nenhum canalha!<sup>7</sup>

No entanto, apesar da multiplicidade de opiniões de Lênin e de outros líderes sobre o escritor, até hoje, seguindo todos os estereótipos e regras de ouro da imprensa e dos valores-notícia, divulgam-se, basicamente, apenas aquelas polêmicas e desfavoráveis. É o que fez, há alguns anos, com seu artigo “Quem injuriava Dostoiévski?” (no original, “*Kto rugal Dos-*

---

4 BONTCH-BRUIÉVITCH, 1955. tradução nossa. Todos os trechos citados de originais em russo ou inglês daqui por diante têm tradução da autora deste artigo.

5 Os membros do movimento anárquico-revolucionário que integravam o grupo de Serguei Guennádievitch Netcháiev.

6 DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 238.

7 DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 241.

*toievskogo?*”), o site Culture.Ru,<sup>8</sup> que pertence ao Ministério da Cultura da Rússia e serve aos interesses estatais de propaganda na forma de “*soft power*” – segundo conceito cunhado por Joseph Nyer, apenas mais voltado ao público interno, russos emigrados e aos países-satélite russos, onde ainda existe uma vasta população de russófonos. O artigo tratava de um infográfico interativo que mapeava os críticos de Dostoiévski. Sobre o governo soviético, que aparecia após meia dúzia de frases polêmicas e difamatórias de Lênin sobre o autor, o site simplificava:

O parecer de Lênin sobre Dostoiévski esteve na base da posição do governo soviético sobre o escritor e definiu por décadas o destino de sua obra na URSS. Os livros *Os demônios* e *Diário de um escritor* eram publicados apenas em coletâneas, nunca saíram em publicações individuais, e seu significado para a obra do escritor foi silenciado. Houve uma referência a Dostoiévski no primeiro livro didático escolar soviético sobre literatura, editado em 1935. Mas o nome do escritor desapareceu de vez do segundo livro didático escolar, produzido entre 1938 e 1940. As obras de Dostoiévski foram, por um longo período, excluídas até dos programas de ensino superior em literatura.<sup>9</sup>

O tratamento rendido a clássicos da literatura russa não era, porém, uniforme, e obras e autores ora eram amplamente empregados como armas ideológicas, ora se tornavam objeto de perseguição.

---

8 Como se lê no próprio Culture.ru, seu objetivo é “contar às pessoas sobre acontecimentos e pessoas na história da literatura, arquitetura, música, cinema, teatro, assim como sobre as tradições populares e monumentos da natureza”, além de “conduzir ações culturais por toda a Rússia: a ‘Noite dos Museus’, o ‘Dia do Teatro’, a ‘Bibliãoite’, a ‘Noite das Artes’ e a transmissão ao vivo de eventos culturais por todo o país”, assim como “publicar artigos, criar projetos multimídia, reunir coleções gratuitas de filmes russos, espetáculos, aulas e literatura clássica aos visitantes do portal”. Em termos de alcance, é patente que ele tem um enorme público, com tráfego orgânico mensal de 8 milhões (a título de comparação, o do jornal brasileiro Folha de S. Paulo é de cerca de 266 mil), segundo relatório do medidor de dados Semrush.com de 03 de agosto de 2022), podendo, assim, ser considerado um poderoso formador de opinião no país.

9 KTO, [s.d.]. Vale ressaltar que meu último acesso a este artigo na página Culture.ru se deu em 2017, quando este artigo ainda era um “work in progress”, e ele se encontrava no endereço <http://www.culture.ru/materials/148869/kto-rugal-dostoevskogo>. Porém, a página foi deletada do site. Ainda existe, entretanto, uma cópia do material armazenada no repositório da internet “Way Back Machine”, que indico nas referências bibliográficas ao final deste trabalho.

Um dos primeiros manuais para a transformação dos clássicos em “armas para a construção de um novo mundo” foi a resolução de Aleksánder Aleksándrovitch Bogdanov<sup>10</sup> para a primeira Conferência Pan-Russa dos Proletkult, ou seja, Organizações Culturais e Educacionais (*Vserossiiskaia konferentsia proletárskikh kulturno-prosvetitel'nikh organizatsii*), em setembro de 1918. Essa conferência assumiu, de fato, o programa da revolução cultural na esfera da ideologia: suas resoluções se propagaram por todas as esferas da construção de uma nova cultura – do mercado editorial literário à ciência e às artes visuais, passando pela organização dos movimentos juvenis e pela vida coletiva.

O texto resultante dessa conferência “continha instruções claras sobre como os ‘tesouros da arte antiga’ deviam ser tratados”, como descreve a pesquisadora Maya Kucherskaya.<sup>11</sup> Suas premissas – publicadas em diversos jornais da época, como o *Proletárskaia kultura*, o *Griadushee* e o *Gorn*<sup>12</sup> – ainda seriam colocadas em prática durante muitos anos: os “tesouros da arte antiga” não deviam ser aceitos passivamente, já que assim eles educariam as classes laboriosas no mesmo espírito das velhas classes dominantes e com “a mesma submissão que as criara”; o proletariado precisava ver esses clássicos “sob um prisma crítico, sob uma nova interpretação” que revelasse suas fundações coletivas e princípios de organização; esses clássicos, além disso, deveriam se tornar uma “herança preciosa” para o proletariado, “armas para combater aquele mesmo velho mundo que os criou, assim como armas para criar um novo mundo”. As resoluções da conferência completavam: “A transferência dessa herança artística deve ser realizada pela crítica proletária.”<sup>13</sup>

---

10 Aleksánder Aleksándrovitch Bogdanov (1873-1928) foi um dos organizadores e chefes da ala bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo entre 1904 e 1907, e divergia de Lênin em suas avaliações quanto à revolução russa e suas perspectivas futuras. Depois da revolução de 1917, tornou-se um dos dirigentes do Proletkult (*Proletarskie kulturno-prosvetitel'nie organizatsii*, ou seja, Organizações proletárias culturais e educacionais).

11 KUCHERSKAYA, 2014, p. 191.

12 LAPINA, 2012, p. 43.

13 KUCHERSKAYA, 2014, p. 191.

Dessa forma, Dostoiévski nunca deixou de ser publicado no país, mas passou a ter a sua obra cuidadosamente selecionada para publicação editorial, para satisfazer às exigências da ideologia, como veremos mais adiante. É o que podemos depreender, por exemplo, a partir da forma como o escritor foi apresentado nas escolas (depois de uma década e meia como único autor clássico que não figurava dos livros escolares).<sup>14</sup>

## Dostoiévski na época de Lênin

É notável, dada a simplificação contemporânea do gate-keeping dostoiévskiano, assim como a sua recepção por Lênin, o fato de que uma das primeiras figuras a ganhar um monumento do governo soviético fora justamente esse escritor, conforme previsto pelo Plano de Propaganda Monumental estabelecido pelo líder do proletariado. No primeiro aniversário da Revolução de Outubro, em 7 de novembro de 1918, um monumento a Dostoiévski e a escultura “*Mysl*” (em português, “Pensamento”) foram instalados e inaugurados em *Tsvetnoi Bulevar*, em Moscou.<sup>15</sup> As duas foram feitas pelo escultor Serguei Dmítrievitch Merkúrov (1881-1952), que as oferecera ao Conselho Municipal de Moscou ainda antes da Primeira Guerra Mundial. A estátua de Dostoiévski esteve entre as doze primeiras de todas as previstas pelo Plano de Propaganda Monumental – de um total de sessenta e seis figuras históricas revolucionárias, como Espártaco, François Babeuf, Jean-Paul Marat, Robespierre, Marx e Andrei Jeliábov, dentre as quais figuravam ainda vinte grandes escritores russos, tais como: Púchkin, Liérmontov, Tolstói e Dostoiévski.

Muito mais bem disseminadas no mundo russo são as palavras de Lênin a Inessa Armand, em carta de junho de 1914, so-

---

<sup>14</sup> Cf.: PONOMARIOV, 2007, p. 612–624.

<sup>15</sup> O monumento foi um dos poucos que se manteve até os nossos dias. Em 1936, ele foi transferido para o prédio do hospital Marínski, na ala norte, onde o escritor nasceu e viveu até os 16 anos de idade.

bre a “arquinojenta<sup>16</sup> cópia do arquinojento Dostoiévski”<sup>17</sup> – ele se referia, ali, a um romance de ficção do socialista e literato ucraniano Vladímir Vinnetchenko (1880-1951).

Também Bontch-Bruiévitch relembra a recepção negativa que Lênin fizera de *Os Demônios*:

[Lênin] referia-se de maneira bastante negativa a *Os demônios* e dizia que, quando se lia esse romance, era preciso lembrar que ali estavam refletidos acontecimentos relacionados às atividades não só de Serguei Netcháiev,<sup>18</sup> mas de Mikhail Bakúnin. Aliás, enquanto *Os demônios* era escrito, Karl Marx e Friedrich Engels conduziam uma obstinada batalha contra Bakúnin. A tarefa dos críticos está em compreender o que no romance está relacionado a Netcháiev e o que está relacionado a Bakúnin.<sup>19</sup>

Da mesma forma, são bem difundidas opiniões extremamente hostis de Lênin sobre Dostoiévski transmitidas por Nikolai Vladislávovitch Valentinov (1880-1964), antigo bolchevique que depois se tornou menchevique e se apartou de Lênin. Em suas memórias, Valentinov escreve que Lênin “ignorava conscientemente Dostoiévski” e o considerava um “vômito moralizante”:

“Não tenho tempo livre para esse lixo” [dizia Lênin]. Depois de ler *Escritos da Casa Morta* e *Crime e Castigo*, ele não quis ler *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. “Conheço o conteúdo dessas duas obras fedorentas, e para mim isso é o suficiente.”

[...]

“Comecei a ler *Os Irmãos Karamázov* e larguei: a cena do monastério me deu vontade de vomitar... No que diz respeito a *Os Demônios*, ele é claramente uma porcaria reacionária do mesmo tipo de *Panurgovo stado* [um romance antiniilista de 1869], de [Vsiévolod] Krestóvski [1839-1895], e não tenho absolutamente qualquer gana de perder tempo com ele. Fo-

---

16 Lênin cria um neologismo, “*arkhiskvernyi*”, que busco reproduzir em português o mais fielmente possível: “arquinojento”.

17 LENIN, 1975, p. 295.

18 Na década de 1860, Netcháiev chefiou um círculo estudantil em Petersburgo e conclamava a que se preparassem rebeliões com o apoio de quaisquer forças sociais e empregando quaisquer meios para tal.

19 BONTCH-BRUIÉVITCH, 1955.

lheei o livro e deixei de lado. Não preciso de literatura assim: o que ela poderia me trazer?”<sup>20</sup>

No entanto, as citações indiretas de Valentinov levantam suspeita: foram escritas mais de 40 anos depois de Lênin as ter, supostamente, proferido e são mencionadas por um inimigo político. Como escreve o pesquisador Iúri Vladímirovitch Puscháiev, da Universidade Estatal de Moscou,

Se tomarmos as menções a Dostoiévski feitas nas obras completas de Lênin, encontraremos, com alguma surpresa, além do já mencionado “arquinojento Dostoiévski”, mais uma opinião negativa sobre ele, assim como outras duas completamente neutras sobre as suas obras – uma delas, com citação de *Diário de um Escritor*, e outra, de *Os Irmãos Karamázov*, livro que, se acreditarmos no trecho de Valentinov, Lênin nem sequer as leu. Além disso, Lênin usa pelo menos duas vezes em suas obras, em contexto positivo, a expressão “humilhados e ofendidos” – a qual deve sua origem ao romance de Dostoiévski (e Lênin não poderia não saber disso).<sup>21</sup>

Além disso, é impossível deixar de mencionar novamente o artigo de 1955 em que Bontch-Bruiévitch reforça a dicotomia das opiniões de Lênin sobre Dostoiévski:

A opinião da crítica e de pesquisadores acadêmicos acerca de Dostoiévski também sofria uma clara divisão, como mostra a pesquisadora Temira Pachmuss. De um lado estava a tradição da crítica radical e marxista do século 19 e do início do 20; do outro estava a insistência de estudantes mais simpáticos a Dostoiévski no inesgotável entusiasmo pelo escritor com as ideias do socialismo utópico.

Durante as décadas de 1920 e 1930, deu-se grande importância à reafirmação dos ideais revolucionários, às justificativas da revolução e ao foco na luta contra as classes exploradoras. Assim, o político soviético Anatóli Lunatchárski (1875-1933), usando um dos principais mecanismos da propaganda soviética para restabelecer posições-chaves de um mito nacional, ou seja, os aniversários de nascimento e de morte de persona-

---

20 VALENTINOV, 1953, p. 85 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 106.

21 PUSCHÁIEV, 2020, p. 107.

lidades, aproveitou a celebração do centenário de Dostoiévski, em 1921, para incluir o autor, durante discurso em cerimônia, entre os grandes escritores e profetas da Rússia, em um verdadeiro panegírico: “Dostoiévski não é apenas um artista, mas um pensador. [...] Dostoiévski é um socialista. Dostoiévski é um revolucionário! [...] Um patriota.”<sup>22</sup>

E, apesar de os críticos patrocinados pelo partido se ocuparem sobretudo da análise dos pontos de vista políticos e filosóficos do autor nesse difícil período, discussões puramente acadêmicas sobre ele ainda eram possíveis, como mostra Pachmuss. Alguns acadêmicos se debruçavam sobre pesquisas biográficas e textuais, além da edição e publicação de cartas, manuscritos, materiais factuais e diversos documentos acerca do escritor, contribuindo enormemente para o corpus da crítica dostoiévskiana.

Na União Soviética dos anos 1920 e 1930, cujo principal foco era combater a contrarrevolução, Dostoiévski – que até então era considerado “antirrevolucionário” – não entrou para o rol de autores proibidos, mas tampouco esteve no panteão daqueles reconhecidos oficialmente pelo governo soviético, como Púchkin, Tolstói, Tchékhov, Górkki, Maiakóvski, Chólokhov ou Gógol

## Dostoiévski na era Stálin

### Anos 1920

Nesse período, é de suma importância a instituição, por decreto do Conselho dos Comissários do Povo de 6 de junho em 1922, do Glavlit (*Glávnoie upravlenie po delam literatúry i izdátelstv*, ou seja, Direção Principal de Assuntos de Literatura e de Editoras), cujas diretivas foram seguidas até a queda da União Soviética, em 1991, e definiram os rumos editoriais do país. O escolhido para chefiar o Glavlit nesse primeiro período foi Pável Ivánovitch Lébedev-Poliánski (1882-1948), “um velho

---

22 LUNATCHÁRSKI, 1921.

bolchevique e crítico marxista ortodoxo”, como descreveu o especialista em censura russa Arlen Blium.<sup>23</sup> O “*apparatchik*” Lébedev-Poliánski, que presidira o Proletkult entre 1919 e 1922, dirigiu o Glavlit por dez anos, até 1932. Em janeiro de 1931, teve papel central no órgão com a sua comunicação “Sobre o controle político-ideológico da literatura no período de reconstrução” (*O politiko-ideologúitcheskome kontrole nad literatúroi v period rekonstrútsii*) proferida na secreta Conferência de Dirigentes dos Kraioblit (*Soveschánie zaviéduischikh kraioblittami*).<sup>24</sup> É interessante notar seu sinuoso comentário sobre as estratégias de publicação de Dostoiévski no período:

Se editássemos Dostoiévski, Pissemski, Leskóv etc. e eles fossem simplesmente publicados assim, é claro que seria uma loucura! Esses escritores hoje não nos dão nenhuma base ou alívio psicológico. Precisamos de escritores que nos façam sentir a vida, que nos enviem à luta, à conquista do novo; por isso, quando são publicados junto com Dostoiévski os escritores dos anos 1860 que lutavam por êxito na vida, isso nos convém, é claro. Mas não convém concluir que não podemos publicar Dostoiévski. Como vocês veem, é necessária aqui uma abordagem especial. É preciso analisar não cada escritor separadamente, mas ver como ele sai, de que maneira. É claro que se de repente vocês pensassem em soltar *Os Demônios* em uma tiragem de quinhentos mil exemplares, em edição barata, protestaríamos. Mas se publicassem *Os Demônios* em uma quantidade de cinco a seis mil, em uma edição acadêmica, não reprovaríamos. Agora temos a possibilidade de analisar o plano editorial, ver como ele está constituído, se há ali escritores de que precisamos ou que no atual momento não sejam convenientes de maneira alguma.<sup>25</sup>

---

23 BLIUM, 2009, p. 133.

24 Cada *krai* e cada *oblast* tinha sua própria direção para assuntos de literatura e de editoras, que foram unidas nesse evento sob a sigla “*kraioblit*”.

25 LÉBEDEV-POLIÁNSKI apud BLIUM, 2009, p. 129-134. O discurso de Lébedev-Poliánski encontra-se armazenado no ARAN (Arquivo da Academia Russa de Ciências), no fundo 597, lista 3, unidade de armazenamento 17, *O politiko-ideologúitcheskome kontrole nad literatúroi v period rekonstrútsii*. Blium nota em seguida que, curiosamente, *Os Demônios* não foi publicado na época, nem mesmo com uma tiragem acadêmica minúscula para os padrões soviéticos, e só passou a ser incluído nas obras selecionadas do escritor nos anos 1960. Discorrerei sobre essa obra, especificamente, mais adiante.

Indo contra isso, um comentário supostamente proferido por Iôssif Stálin sobre Dostoiévski foi registrado pelo político iugoslavo Milovan Djilas (1911-1995) em suas memórias. Em 1948, o segundo líder soviético teria dito: “Grande escritor e grande reacionário. Não o publicamos porque ele é uma má influência sobre a juventude. Mas é um grande escritor.”<sup>26</sup>

Diferentemente da crença popular, Stálin era um leitor voraz e tinha uma biblioteca com vinte mil livros, de diversas áreas do conhecimento, cheios de marcas e notas. Sua filha, Svetlana Allilúieva descreveu da seguinte maneira os gostos literários do pai:

Meu pai não gostava da arte poética e profundamente psicológica. Eu nunca o vi lendo poesia – nada além do poema de [Chota] Rustaveli *O Cavaleiro na Pele de Pantera* (em russo, *Vitiaz v tigrovoi chkure*), cujas traduções ele se achava no direito de julgar. Eu não via sobre sua mesa Tolstói ou Turguêniev<sup>27</sup>. Mas sobre Dostoiévski ele me dizia que tinha sido um “grande psicólogo”. Infelizmente, eu não lhe perguntei a que ele se referia com isso – ao profundo psicologismo social de *Os Demônios* ou à análise comportamental de *Crime e Castigo*?

Talvez ele tenha encontrado em Dostoiévski algo profundamente pessoal para si mesmo, mas não queria falar e explicar o que, especificamente. Oficialmente, naquele período, Dostoiévski era considerado um escritor absolutamente reacionário.<sup>28</sup>

Apenas no exemplar de *Os Irmãos Karamázov* da biblioteca particular de Stálin, por exemplo, foram encontradas mais de quarenta marcações, entre grifos e notas curtas nas margens,<sup>29</sup> o que é ainda mais surpreendente já que era de se esperar que *Os Demônios* ou *Crime e Castigo* tivessem despertado maior interesse do líder.

---

26 DJILAS apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 179.

27 Kheifets afirma, porém, que foi justamente *Pais e Filhos*, de Turguêniev, que fizera Stálin romper com a religião, de acordo com um colega de seminário. Cf. KHEIFETS, *Neizviestnyi Stálin*.

28 ALLILÚIEVA, 2014, p. 137 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 108.

29 ILIZÁROV, 2002 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 108.

Ainda mais interessante é o fato de que a maior parte das notas de Stálin está relacionada não à lenda do Grande Inquisidor ou às discussões de Ivan Karamázov, mas à figura do *stáriets* Zossima sobre o amor ativo como algo medonho e severo, que demanda trabalho e autodomínio, diferentemente do amor sonhador, que anseia por um empenho próximo e rapidamente satisfatório, que seja visto por todos.<sup>30</sup>

Stálin também grifa os dizeres do *stáriets* Zossima quando ele diz ao bufão Karamázov-pai que não se avexe e se comporte como se estivesse em casa, logo no início do livro, no episódio da cômica reunião que eles têm em grupo no mosteiro. “O importante é não mentir a si próprio”, diz Zossima mais tarde ao pai Karamázov – trecho também grifado por Stálin.

### Anos 1930

A década que acomodou o Grande Terror de Stálin foi também aquela que inaugurou a entrada de Dostoiévski para o programa literário escolar – o que ocorreu em meados dos anos 1930, depois de vários experimentos pedagógicos.

No primeiro livro didático de literatura para o 9º ano, de 1935, dos autores G. Abramóvitch, B. Brainina e A. Egoлин, um capítulo sobre Dostoiévski ocupa lugar importante entre os dedicados a Tchernichévski e Tolstói. Posteriormente, porém, esse capítulo separado sobre Dostoiévski some por uma década e meia do programa escolar. Seu regresso, mais ou menos completo, só ocorre em 1956, no livro didático de literatura para o 9º ano dos autores A.A. Zertchaninov e D. Ia. Raikhin, 15ª edição. Na obra, é analisado e comentado *Crime e Castigo*, que também entra para o programa escolar: “A força de uma interpretação realista das contradições sociais da época do capitalismo, a profundidade e o refinamento da análise psicológica fazem de *Crime e Castigo* um dos maiores fenômenos da literatura russa e mundial”,<sup>31</sup> lê-se ali.

Em duas edições anteriores àquela de 1956 daquele mesmo livro para o 9º ano, dos mesmos autores, de 1950 e 1954, são

---

30 PUSCHÁIEV, 2020, p. 108.

31 ZERTCHANINOV; RAIKIN, 1956 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 104.

dedicadas a Dostoiévski duas páginas, em letras miúdas, onde se lê, em parte, sobre *Crime e Castigo*:

Apesar da falsidade e do reacionarismo da ideia principal, este romance é um fenômeno incrível da literatura de ficção. A profundidade da análise psicológica e a força da interpretação realista das contradições da época do capitalismo “tornam esse romance uma das maiores obras da literatura mundial”.<sup>32</sup>

A famigerada publicação de *Os Demônios*, porém, vai na contramão da entrada do autor para os livros escolares nos anos 1930. De acordo com os exemplares armazenados na Biblioteca Lênin, em Moscou, e na Biblioteca Nacional Russa, em São Petersburgo, o livro constou da *Coleção Completa de Obras de Ficção de Dostoiévski*<sup>33</sup> lançada em Leningrado pela Editora Estatal (*Gossudárstvennaia izdatelstvo*), Leningrado, entre 1926 e 1930. Depois disso, voltou a ser publicado apenas entre 1956 e 1958, em três volumes, na *Coletânea de Obras de Dostoiévski*,<sup>34</sup> em dez volumes, editada por Leonid Grossman para a editora Goslitzdat, com artigo introdutório do crítico literário oficial do governo Vladímir Ermílov – cujas opiniões variavam com os ventos soviéticos, como veremos mais adiante.

Entretanto, em 1935, seguindo a supracitada sugestão do chefe do Glavlit, Lébedev-Poliánski, uma edição fora preparada em dois tomos, em edição acadêmica, pela editora Academia, com artigo introdutório e comentários de Leonid Grossman. A edição, com tiragem de cinco mil e trezentos exemplares,<sup>35</sup> foi, porém, suspensa na última fase de provas – apesar de um artigo de Maksim Górkí publicado na *Literatúrnaia gazeta*,<sup>36</sup> em 24 de janeiro de 1935, defendendo a publicação dos volumes. Embora boa parte da impressão tenha sido destruída, há ainda exemplares do livro armazenados na Biblioteca Lênin,

---

32 ZERTCHANINOV; RAIKIN, 1950, 1954 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 105.

33 DOSTOIÉVSKI, 1927.

34 DOSTOIÉVSKI, 1957.

35 KRYLOV; KITCHATOVA, 2004, p. 262.

36 GÓRKI, 1935.

na capital russa.<sup>37</sup> É importante notar também que o livro tinha prefácio do historiador Piotr Pávlovitch Paradizov (1906-1937), preso em 2 de fevereiro de 1935 e executado em 1937, vítima do Grande Terror de Stálin<sup>38</sup> – corroborando para um fenômeno muito comum naqueles anos: o do sumiço de obras que tivessem participação de “traidores da pátria”, conceito que variava o tempo todo e podia ser aplicado, de uma hora para outra, a quem, pouco antes, tinha sido considerado um grande “defensor” e ideólogo (e vice-versa). Esse volume talvez tenha servido de base para a publicação de *Os Demônios*, depois de um longo intervalo, em 1957, mas já com paratextos de outros autores. Aquele volume, de 1935, abria com um texto de duas páginas, assinado “Da editora [Academia]”, que dizia, parcialmente:

O livro *Os Demônios* não só não é história como também não é um “estudo histórico”, no sentido conferido por Dostoiévski a esse conceito, que reivindicava a ideia de que em seu romance estavam refletidos traços autênticos de determinada época do movimento revolucionário na Rússia. Esses traços autênticos inexistem na obra.

Em compensação, o romance de Dostoiévski é uma concentração de todos aqueles argumentos que poderiam ser apresentados por um artista genial contra a revolução e, ao mesmo tempo, a derrocada desses argumentos. É aí que reside o interesse dessa grandiosa obra literária do século XIX.<sup>39</sup>

Os artigos introdutórios que o acompanham fariam jus ao já referido discurso de Lébedev-Poliánski, em 1931, à frente do Glavlit, exceto pelo fato de que agora o navio soviético parecia ter virado o timão: a luta de classes já estaria em decadência na propaganda oficial, apesar de ter papel principal no texto de trinta e uma páginas de Paradizov “A face classista de Dostoiévski” – e, quiçá, também o de Grossman, “O romance político de Dostoiévski”, de trinta e oito páginas, errara nos pontos de vista. O artigo “Da editora” ainda reforça: “Os artigos introdutórios elucidam o significado sociopolítico do romance, as

---

37 Cf.: <https://search.rsl.ru/ru/record/01005119902>

38 OTKRYTYI, [S.D.]. Paradizov só foi reabilitado postumamente, em 1956.

39 DOSTOIÉVSKI, 1935, p. VII.

condições de sua criação, sua ligação com a época, as tendências ideológicas e seu significado artístico.”<sup>40</sup>

É importante lembrar também que essa tentativa de publicação do romance pela editora “Academia” em uma publicação separada foi interrompida, já no estágio de prova, depois de um artigo no jornal *Pravda* assinado pelo crítico literário David Zaslávski (1880-1965) intitulado “Podridão Literária” (“*Literatúrnaia gnil*”). Menchevique renomado, membro do Comitê Central da União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, Zaslávski estava entre os mais fervorosos opositores do bolchevismo quando da Revolução de Outubro e, em 1917, conduziu uma obstinada campanha contra Lênin, publicando no jornal *O Dia (Dien)* artigos em que o chamava de espião alemão e conclamava por sua morte. Ele foi preso em dezembro de 1917 pelos bolcheviques, mas acabou perdoado e, em meados da década de 1920, mesmo sem ter partido, tornou-se um dos principais publicistas do órgão central dos bolcheviques, o jornal *Pravda*. Com a posição alcançada, ele se tornou o principal inspetor ideológico também do mercado editorial de livros, e muitas das obras lançadas entre as décadas de 1930 e 1950 contêm a marcação, como um “selo de qualidade”, “Edição publicada sob a supervisão de D. Zaslávski”.

Em 1934, o próprio Stálin recomendou Zaslávski ao Partido Comunista, e, em 1935, fazendo jus à recomendação do líder soviético, ele passou a atacar ferozmente a edição de *Os Demônios*, da Academia, na esteira do primeiro processo contra o diretor da editora, Leib Boríssovitch Kámenev (1883-1936), também vítima das repressões stalinistas. A publicação de “Podridão literária” ocorreu, a que tudo indica, a mando de Stálin e por ordem direta do departamento de cultura e propaganda do Comitê Central do partido, Aleksei Ivánovitch Stíetskii (1896-1938) – morto no campo de trabalhos forçados, vítima da repressão, outro exemplo das reviravoltas do ponto de vista do partido que transformavam heróis em vilões.

---

40 DOSTOIÉVSKI, 1935, p. IX.

## Anos 1940/Grande Guerra Patriótica

O mito nacional russo também esteve sujeito a revisões, como aponta Kucherskaya. Durante a Segunda Guerra Mundial, ou “Grande Guerra Patriótica”, como é chamada a participação russa no evento até os dias atuais na Rússia, “o mito do triunfo da revolução proletária não estava mais em voga, o Estado não estava mais interessado no povo como uma nação levantando-se contra o imperialismo, mas no patriotismo e no nacionalismo russo”.<sup>41</sup>

Nesse cenário, também foi importante a mudança ocorrida no paradigma ideológico do partido com o intuito de alterar a imagem de uma Rússia que “sempre apanhava”, como afirmava Stálin, para a ideia de um império poderoso e vitorioso que tudo conquistava.

As denúncias acerca do imperialismo, do colonialismo e dos autocratas russos não cabiam nesse novo modelo mitológico. Sem justificar o tsarismo ou rejeitar completamente a tese de que a “Rússia é a prisão das nações”, as políticas coloniais da Rússia tsarista agora eram postas de lado como um “mal menor”<sup>42</sup> e, logo em seguida, como um “bem absoluto”<sup>43,44</sup>

Assim, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a literatura se tornou parte dos esforços totais de guerra, o nome de Dostoiévski passou a ser usado como propaganda contra a Alemanha e recebeu anistia oficial total. Grande influência sobre esse processo teve a reformulação da visão histórica ocorrida nesses meados dos anos 1930. Mantinha-se a “escola de Pokróvski”,<sup>45</sup> “que permitia que a direção política do país dissesse sobre o passado tudo o que lhe fosse necessário e decidisse quem, em tempos anteriores, tinha sido vilão ou herói, quem era parvo e quem era o sábio profeta que previa o futuro, ou seja, o comunista”.<sup>46</sup>

---

41 KUCHERSKAYA, 2014, p. 195-196.

42 BRANDEBERGER, 2011, p. 363 apud KUCHERSKAYA, 2014, p. 195.

43 GELLER; NEKRITCH, 1995, p. 283 apud KUCHERSKAYA, 2014, p. 195.

44 KUCHERSKAYA, 2014, p. 195.

45 Mikhail Nikoláievitch Pokróvski (1868-1932), historiador e político soviético.

46 GELLER, 1997, p. 8.

Afinal, se George Orwell foi, talvez, o único escritor ocidental a entender a profunda essência do mundo soviético e criar a fórmula “quem controla o passado controla o futuro”, ele chegara atrasado: Mikhail Nikoláievitch Pokróvski antes dele afirmara: “A história é a política desbaratada pelo passado.”<sup>47</sup> Desde muito, a história é escrita pelos vencedores – e a União Soviética não foi exceção nesse sentido. Após a Revolução de Outubro, a história fora conscientemente e seguidamente colocada a serviço do Estado. Não foram nacionalizados apenas os meios de produção, como todas as esferas da vida – incluindo a memória e a história. Porém, nos idos de 1936, o jornal *Izviéstia* acusava a até então intocada “escola de Pokróvski” de errar em seus pontos de vista ao analisar a história da Rússia exclusivamente do ponto de vista da luta de classes.

A partir de então, a história seria remodelada como parte dos esforços para criar um Estado poderoso. A reinterpretação histórica continuou a usar o método de Pokróvski, mas a sua perspectiva mudara visivelmente, e a União Soviética passou a ser retratada em livros de história, no cinema e na literatura como uma herdeira do Império Russo. Esse processo se iniciara ainda em 15 de maio de 1934, com a deliberação “Sobre o ensino da história civil nas escolas da URSS” (*O prepodavánii grajdánskoj istórii v chkolakh SSSR*), que marca a ruptura da antiga política em relação à história da Rússia. Dois anos depois, a imprensa soviética publica uma carta assinada por Stálin e Jdánov com instruções sobre como ensinar a história russa. É assim que Stálin escolhe uma nova linha de antepassados: príncipes e tsares que unificam e constroem um Estado poderoso. Aleksánder Niévski e Pedro, o Grande, retornam ao panteão dos líderes e heróis russos – vide o panegírico a Pedro escrito pelo “conde vermelho”, Aleksei Tolstói.

A Segunda Guerra, como supracitado, intensificou ainda mais o significado do patriotismo e do nacionalismo russo. Mas a guerra contra a Alemanha colocou ideólogos e historiadores em estado de euforia, dividindo-os em dois grupos: os

---

47 GELLER; NEKRITCH, 1982, p. 7.

partidários da ideia de internacionalismo que se desenvolvia desde meados dos anos 1930 e logo seria esmagada por campanhas diversas de repressão, como a “anticosmopolita”; e os apoiadores da propaganda nacionalista, que passava a dominar o cenário. Durante a guerra, as publicações de livros foram tomadas pela retórica russocêntrica e laudatória do “grande povo russo”.

Essa ideia é visível, por exemplo, no artigo “F.M. Dostoiévski contra os alemães” (*F.M. Dostoiévski protiv niémtsev*), da revista *Bolchevik*, de 1942. O autor, Emelian Iaroslávski, busca representar o escritor como um antifascista e, principalmente, defendê-lo de quaisquer acusações de antissemitismo, empreendendo esforços para reintegrar o escritor aos tesouros nacionais. Como escreve Puscháiev:

Um artigo do principal ateu oficial da URSS sobre um escritor e pensador religioso russo em uma edição militar do principal órgão teórico do Comitê Central do Partido Comunista no auge da batalha de Stalingrado produzia uma impressão extraordinária, já que se encontrava entre artigos que tratavam especificamente de aspectos diversos da então escalada da guerra contra a Alemanha de Hitler.<sup>48</sup>

Já em “O Grande Escritor Russo Dostoiévski” (*Velíkii rússkii pisátel Dostoiévski*), publicado no mesmo ano pela *Literatura e Arte* (*Literatura i iskusstvo*), o autor Vladímir Ermilov usa as inúmeras chacotas do gênio literário sobre o chauvinismo, os conceitos rasos e a ostentação alemã para ligar a ideia principal de *Os Demônios* aos esforços de guerra soviéticos.

Mesmo depois da guerra, Dostoiévski continuou a ser representado como um dos precursores da cultura soviética e diversos eventos foram realizados para celebrar seu 125º aniversário de nascimento, em novembro de 1946. Suas obras ganharam novas edições a partir do fim da guerra até 1948 – títulos como *Gente Pobre*, *Humilhados e Ofendidos*, *Crime e Castigo*, o volume de *Textos Escolhidos* de Borís Víktorovitch Tomachévski e um pequeno tomo de excertos selecionados

---

48 PUSCHÁIEV, 2020, p. 109.

por Aleksánder Leonídovitch Slonímski de *Os Irmãos Karamázov* voltado para crianças e intitulado *Meninos (Máltchiki)*. Muitos ensaios sobre o autor também foram escritos no período da guerra por críticos proeminentes ligados ao partido.

### Nova reviravolta

Na contramão desse cenário, porém, iniciava-se o chamado “jdanovismo”, com a divulgação, em 14 de agosto de 1946, de uma diretiva do Comitê Central da União do Partido Comunista de Andrei Jdánov contra o liberalismo, a “objetividade burguesa”, o “formalismo”, o “cosmopolitismo” e o tratamento não politizado da literatura e da arte. Em dezembro de 1947, terminava a glorificação oficial de Dostoiévski como grande escritor e patriota russo inabalável. O ataque foi aberto por um artigo de David Zaslávski, que, abandonando o louvor a Dostoiévski de outro texto de sua autoria escrito apenas um ano antes, descreve o escritor como um dos inimigos mais convictos do socialismo, da Revolução e da democracia. Outro crítico literário oficial do regime, Vladímir Ermilov, completou o recado a acadêmicos, críticos e outros membros da intelectualidade soviética sobre o novo banimento de Dostoiévski em seu artigo de 24 de dezembro de 1947 para a *Literatúrnaia gazieta* intitulado “F.M. Dostoiévski e nossos críticos” (*F.M. Dostoiévski i náchi krítiki*) e em uma palestra na Sociedade da Pan-União para Disseminação de Conhecimento Político e Científico intitulada “Contra as ideias reacionárias na obra de Dostoiévski” (*Protiv reaktsionnikh idei v tvórtchestve Dostoiévskogo*) – cuja transcrição foi publicada pelo *Pravda* em 1948. Ali, ele chamava Dostoiévski de “completo renegado” e “escritor prejudicial e perigoso” que, “na atualidade, assim como durante sua vida, esteve na vanguarda da reação”.<sup>49</sup>

Dmítiri Chepilov – chefe do departamento de propaganda e agitação do Comitê Central do Partido Comunista no final da década de 1940 e, depois, editor-chefe do jornal *Pravda*, chegando até o cargo de ministro dos Negócios Exteriores e membro do grupo “antipartido de Mólotov, Malenkóv e Kaga-

---

49 ERMILOV apud PACHMUSS, 1962, p. 718.

nóvitch” – escreveu em suas memórias um trecho bastante significativo para demonstrar o impacto do jdanovismo sobre o tratamento dado a Dostoiévski a partir de então:

Jdánov disse mais ou menos o seguinte:

“Ontem, o camarada Stálin chamou a atenção para o fato de que a nova literatura publicada é muito unilateral e que a questão da criação e dos pontos de vista sociológicos de Fiódor Dostoiévski são nela interpretados frequentemente de maneira errônea. Dostoiévski é retratado apenas como um escritor russo eminente, magnífico psicólogo, mestre da língua e da representação das personagens de ficção. Ele realmente foi tudo isso. Mas dizer somente isso significa apresentar Dostoiévski de maneira muito unilateral e desorientar o leitor, principalmente o jovem.

Mas e o lado sociopolítico da obra de Dostoiévski? Afinal, ele não escreveu apenas *Escritos da Casa Morta* ou *Gente Pobre*. E quanto a seu *O Duplo*? E o famigerado *Os Demônios*? Afinal, *Os Demônios* foi escrito justamente para denegrir a revolução, retratando de forma maldosa e suja os revolucionários, vistos como criminosos, violadores, assassinos e jogando nas alturas pessoas dicotômicas, os traidores, os provocadores.

Segundo Dostoiévski, dentro de cada indivíduo há um princípio ‘diabólico’ e ‘sodômico’. E, se o homem é um materialista, se ele não acredita em Deus, se ele (que horror!) é um socialista, o princípio demoníaco chega ao auge e ele se torna um criminoso. Que filosofia vil e torpe! Sim, Raskólnikov – um assassino – também é fruto da filosofia de Dostoiévski. Afinal, *Os Demônios*, apenas por sua forma suja e difamatória, foi rechaçado pelos liberais. Enquanto a filosofia de *Crime e Castigo* em essência não é nada melhor que a de *Os Demônios*.

Górki não à toa chamou Dostoiévski de “gênio malvado” do povo russo. Verdade é que, em suas melhores obras, Dostoiévski mostrou, com uma força incrível, o destino dos humilhados e ofendidos, os costumes bestiais dos que detêm o poder. Mas para quê? Para conclamar os humilhados e ofendidos à luta contra o mal, contra a violência, a tirania?! Não, nada disso. Dostoiévski conclamou à negação da luta, à resignação, à docilidade, à virtuosidade cristã. É só isso, segundo Dostoiévski, que salvará a Rússia da catástrofe que ele considerava ser o socialismo.

Enquanto isso, nossos literatos pintam a obra de Dostoiévski de cor-de-rosa e o retratam quase como um socialista que estava apenas esperando pela Revolução de Outubro. Mas isso é uma deturpação dos fatos. Afinal, já não se sabe que Dostoiévski se arrependeu a vida toda de seus “erros da juventude” e expiou seus pecados – ou seja, a participação no Círculo de Petrachévski? Com que ele expiava esses pecados? Com calúnias sobre a revolução, uma zelosa defesa da monarquia, da Igreja, de qualquer obscurantismo.

O camarada Stálin disse que nós, claro, não pretendemos renunciar a Dostoiévski. Publicamos e publicaremos amplamente a obra dele. Mas nossos literatos e nossa crítica precisam ajudar os leitores, especialmente os jovens, a entenderem da maneira correta quem foi Dostoiévski.”<sup>50</sup>

Mas, como nota Pachmuss: “Em 1954, porém, a paralisia parcial dos estudos sobre Dostoiévski parece ter se tornado fonte de preocupações para as autoridades soviéticas.”<sup>51</sup> Em 6 maio de 1954, a *Literatúrnaia gazeta* expressa essa inquietação e convida pesquisadores a publicarem suas descobertas acerca do autor. Como resultado desse convite e das revelações de Bontch-Bruiévitch da opinião de Lênin sobre Dostoiévski, entre 1954 e 1955 saem novas edições de *Gente Pobre, A Aldeia de Stepántchikov e seus habitantes, Humilhados e Ofendidos, Crime e Castigo, O Idiota e O Adolescente*.

Com as cuidadosas celebrações dos 75 anos de morte de Dostoiévski, em 1956, termina a reprovação oficial do escritor e absolutamente todos os artigos publicados naquele ano na União Soviética, como um recado oficial, apontavam para os esforços dostoiévskianos contra o capitalismo, o poder do capital e a desigualdade social.

## Conclusão

Não existem indícios de que Dostoiévski tenha sido oficialmente proibido em geral, em qualquer período, na URSS, de

---

50 CHEPILOV, 2001, p. 93-94 apud PUSCHÁIEV, 2020, p. 110-111.

51 PACHMUSS, 1962, p. 719.

acordo com os maiores especialistas em censura soviética. Como escreve Arlen Blium:

À esfera do folclore popular da *intelligentsia* é preciso incluir as conversas sobre uma “proibição total” de Iessiênin em determinados anos (quando na verdade apenas a “Canção sobre a grande marcha” [*Pesn o velikom pokhode*] foi retirada das bibliotecas) e de todo o “arquinojento” (segundo Lênin) Dostoiévski, e assim por diante. É indiscutível que, entre as ordens do sistema, sempre houve, além de meios puramente proibitivos, outros métodos, muito eficientes, de “seleção negativa”: uma redução artificial, visando a um objetivo preestabelecido, da esfera cultural, que murchava cada vez mais à medida que se movimentava, como pele de asno. Os capatazes ideológicos podiam, por exemplo, riscar do chamado “plano temático” das editoras livros dos autores indesejáveis, proibir a reedição de obras “duvidosas” ou permitir sua impressão em tiragem puramente simbólica – como era feito para se publicar, nos tempos de estagnação, as obras de Tsvetáieva e Mandelstam. Eles podiam tirá-los dos programas escolares e de ensino superior, trancafiá-los longe dos leitores nos chamados “fundos passivos” (cujo carimbo é possível detectar nos livros de bibliotecas dos anos 1920-1930). E, mesmo assim, até nos piores momentos, o leitor interessado em obras desse tipo – com um pouco de energia – tinha possibilidade de conseguir acesso a essa literatura semiproibida. Quanto à eficiência da crítica oficial (e da própria censura), a questão é mais complexa: frequentemente as ações dos capatazes ideológicos conseguiram um efeito diametralmente oposto, fazendo um papel de provocação. O leitor russo, que aprendera a ler nas entrelinhas, considerava que, quanto mais “eles” falassem mal de um livro, quanto mais o proibissem, melhor o livro era – e vice-versa. Mas às vezes ele também errava. Como notou de certa monta Federico Fellini, “censura é propaganda paga pelo governo”.<sup>52</sup>

É, porém, inegável o “sumiço” de obras de Dostoiévski das prensas soviéticas: por exemplo, de *Os Demônios*, entre os anos 1930 e o final dos anos 1950, por ordens diretas dos censores.

As reviravoltas do partido nesse período, quando a linha

---

52 BLIUM, 2009, p. 166.

que dividia quem eram os amigos e quem eram os inimigos do povo era demasiado fina, parece ter definido também o destino de parte dos estudos da obra de Dostoiévski, num momento em que não apenas a censura oficial ou a “seleção negativa”, nas palavras de Blium, tinham papel importante, mas também a autocensura. Por exemplo, dois dos mais talentosos e independentes filósofos marxistas começaram a escrever obras sobre Dostoiévski, mas as deixaram de lado: Evald Ilienkov (1924-1979) e Mikhail Lifschits (1905-1983).<sup>53</sup> Casos similares – finalizados ou não, mas obrigatoriamente engavetados – ocorreram a outros especialistas em literatura, como o recém-publicado no Brasil Nikolai Tchirkóv, em tradução de Paulo Bezerra. Seu *O Estilo de Dostoiévski* nasceu como tese de doutorado, após vinte anos consecutivos de estudos sobre o autor, e, apesar da aprovação da banca, composta por ninguém menos que Leonid Grossman e Valéri Kirpotin, Tchirkóv teve negado o título de doutor em filologia, na segunda metade dos anos 1940.<sup>54</sup> A obra só virá à tona mais de uma década após a morte do autor, em duas edições, lançadas em 1964 e 1967. Fato é que Tchirkóv não publicara nada em vida, fossem artigos ou livros, apesar de seus bastos conhecimentos e do título de professor de literatura no Instituto Estatal Pedagógico Regional de Moscou Nadiejda Krúpskaia.

Entre os pontos relevantes na recepção positiva da figura e da obra de Dostoiévski na cultura soviética, tanto pelos leitores como por *gatekeepers*, destacam-se o papel de revolucionário da juventude e sua participação no Círculo de Petráchévski; a prisão e o período no campo de trabalhos forçados; sua crítica aos extremos da desigualdade social e econômica e à situação dos pobres sob o capitalismo, além, claro, de seu grande talento como escritor e desvendador dos segredos da psique humana. Mas os gritantes paradoxos morais e a polêmica orientação antirrevolucionária de Dostoiévski não po-

---

53 PUSCHÁIEV, 2020, p. 112. Como escreve Puscháiev (p. 112) também havia um Dostoiévski nada soviético nos tempos soviéticos, analisado em obras que não harmonizavam com o cânone ideológico vigente – como Mikhail Bakhtín, com seu célebre *Problemas da Poética de Dostoiévski* e Iakov Golosovker, com sua obra *Dostoiévski e Kant*.

54 TCHIRKÓV, 2021.

diam ser refutados por aqueles pensadores, já que o escritor mostrava o lado sombrio da revolução, do radicalismo revolucionário e do niilismo. Por mais que eles tentassem reduzir essa expressão dostoiévskiana a um radicalismo pequeno-burguês, a um comunismo de caserna e à imaturidade das condições sociais da Rússia na segunda metade do século 19, o resultado nem sempre seguia a mutante linha partidária. Como escreve Puscháiev, “esse salto revolucionário, um paradoxo ou semiparadoxo – a política anti-humanista em nome do humanismo – não conseguiu ser justificado, nem com todo o esforço empreendido, e continuou a perturbar a consciência dos filósofos”.<sup>55</sup> Entretanto, seu posicionamento antiburguês fez com que a cultura soviética e a ideologia oficial não se restringissem apenas a criticar ou proibir sua obra, mas também a aceitar e avaliar positivamente certos aspectos dela, mesmo durante os tempos mais duros do stalinismo.

Assim, a censura, a autocensura, a “seleção negativa”, na concepção de Blium, e o *gatekeeping* editorial da URSS em geral – que definiram em conjunto o destino da obra de Dostoiévski – formam um tema complexo e multifacetado. A relação pessoal de Stálin ou de Lênin com a criação de Dostoiévski podiam diferir notavelmente, em certos períodos, da oficial, uma vez que a posição ideológica oficial sobre o escritor era muito oscilante – mesmo nos anos stalinistas. Mas, mesmo na pior época soviética para a recepção de Dostoiévski, o conjunto de sua obra nunca foi completamente proibido.

## Referências bibliográficas

BERNARDINI, Aurora. “Algumas questões fundamentais na vida e obra de Dostoiévski”. In: Aulas de Literatura Russa. São Paulo: Kalinka, 2018. p. 87-97. BLIUM, Arlen. *Ot Neolita do Glavlita* [Do Neolítico ao Glavlit]. São Petersburgo: *Izdátelstvo imeni N.I. Nóvikova*, 2009.

BONTCH-BRUIÉVITCH, Vladímir. “Lênin o knigakh i pisátelia-

---

55 PUSCHÁIEV, 2020, p. 112.

kh” [Lênin sobre livros e escritores]. In: *Literatúrnaia gazeta*, 48ª edição, 21 de abril de 1955.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Biésy* [Os demônios]. Leningrado: *Gosudarstvennoie izdatelstvo*, 1927.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Biésy* [Os demônios]. Moscou: Academia, 1935.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Biésy* [Os demônios]. Moscou: Goslitizdat, 1957.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Diário de um escritor (1873)*. Trad. Moisei e Daniela Mountian. São Paulo: Hedra, 2016.

GELLER, Mikhail Iákovlevitch. *Istória Rossiiskoi impiérii v 3-kh tomakh* [A história do Império russo em 3 volumes]. Vol. 1. [s.l.]: *Izdatelstvo MIK*, 1997.

GELLER, Mikhail; NEKRITCH, Aleksánder. *Utopia u vlásti: Istória Rossii 1917-1995* [A utopia do poder: História da Rússia (1917-1995)]. Vol. 1. Londres: *Overseas Interchange Ltd*, 1982.

GÓRKI, Maksim. “Ob izdánii ‘Biésov’” [Sobre a publicação de *Os Demônios*]. In: *Literatúrnaia gazieta*. Vol. 5 (496) edição, 24 de janeiro de 1935.

KHEIFETS, Mikhail. *Neizviéstnyi Stálin* [O Stálin desconhecido]. *Berkovitch-zamiétki*, [s.d.]. Disponível em: <https://berkovich-zametki.com/Nomer49/Hejfec1.htm>. Acesso: 10 de maio de 2022.

KRYLOV, V. V., KITCHATOVA, E. V. *Izdatelstvo Academia: liúdi i knígui (1921-1938-1991)* [Editora Academia: pessoas e livros (1921-1938-1991)]. Moscou: Academia, 2004.

KTO rugal Dostoiévskogo?. Culture.ru, [S/D]. Disponível em <https://web.archive.org/web/20170325105738/http://www.culture.ru/materials/148869/kto-rugal-dostoevskogo>. Acessado 21 de abril de 2022.

KUCHERSKAYA, Maya. “Comrade Leskov: how a Russian writer was integrated into the Soviet national myth” [Camarada Leskov: como um escritor russo foi incorporado ao mito nacional soviético]. In: *Acta Slavica Estonica*, nº VI, *Studia Russica Helsingiensia et Tartuensia XIV: Russian National Myth in Transition*, Tartu, p. 187-207, 2014).

LAPINA, Irina Aleksándrovna. *Proletkult i proiekt "sotsializát-sii naúki"* [O Proletkult e o projeto de "projeto de socialização da ciência". Terra Humana, São Petersburgo vol. 1, nº 22, p. 43-47, 2012.

LËNIN, Vladímir Ilitch. *Lenin. Pólnoie sobranie sotchiniénii v 55 tomakh* [Lenin. Obras completas em 55 volumes]. Vol. 48. Moscou: *Izdátelstvo Politítcheskoi literatúry*, 1975.

LUNATCHÁRSKI, Anatóli. *Dostoiévski kak khudójnik i myslítel. Krásnaia nov*, 4º edição, 1921.

ОТКРЫТЫИ spisok. *Paradizov Piotr Pavlovitch 1906. Disponível em: [https://ru.openlist.wiki/Парадизов\\_Петр\\_Павлович\\_\(1906\)?fbclid=IwAR3nhqp8m5wMz-Hn1D-3jOX-WAVadlXYjHZ1MzbYz6KmcUwn3zj200qi5wrk](https://ru.openlist.wiki/Парадизов_Петр_Павлович_(1906)?fbclid=IwAR3nhqp8m5wMz-Hn1D-3jOX-WAVadlXYjHZ1MzbYz6KmcUwn3zj200qi5wrk). Acesso: 17 de maio de 2022.*

PACHMUSS, Temira. "Soviet Studies of Dostoevsky, 1935-1956". [Estudos soviéticos sobre Dostoiévski]. In: *Slavic Review*, vol. 21, no 4, dezembro de 1962.

PONOMARIOV, Evguéni Rudolfovitch. "Dostoiévski v soviétskoi shkole" [Dostoiévski na escola soviética]. In: *Dostoiévski i XX vek: naúchnoie izdanie*. Moscou: IMLI-RAN (2007): 612-624.

PUSCHÁIEV, Iuri Vladímirovitch. "Soviétskii Dostoiévskii: Dostoiévskii v soviétskom kulture, ideológuii i filosofii" [O Dostoiévski soviético: Dostoiévski na cultura, ideologia e filosofia soviética]. In: *The Philosophy Journal*, Moscou, vol. 13, no 4, p. 102-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21146/2072-0726-2020-13-4-102-118> <https://doi.org/10.21146/2072-0726-2020-13-4-102-118>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

TCHIRKÓV, Nikolai. *O estilo de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2021.